

OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO

O papel da construção linguística “mais do que”¹

Julliany Cristina de Oliveira Campos Brito²

Albano Dalla Pria³

RESUMO

O objetivo deste artigo é explicitar os desdobramentos de significação de *MAIS DO QUE* em seus diferentes papéis em orações classificadas, pela tradição gramatical, como comparativas. Para isso, em nossas análises, nos valem da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados através da elaboração de glosas epilinguísticas, amparados pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) e os seus seguidores. Trabalhamos com a hipótese de que *MAIS DO QUE* situa representações em relação à situação particular de diálogo. Percebemos que o *QUE* marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação

1 Este artigo é proveniente da pesquisa que realizamos durante o Mestrado Acadêmico em Linguística, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL - UNEMAT), biênio 2019-2020.

2 Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: jullianybrito@unir.br

3 Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/ Araraquara. Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em *stricto sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: adallapria@gmail.com.

predicativa) enquanto o *MAIS* marca uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaco, ou seja, não marca uma identificação, como pressupõe a Gramática Tradicional.

Palavras-chave: Mais do que. Localizador. Identificação. Diferenciação. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

ABSTRACT

The objective of this article is to explain the meaning developments of MORE THAN in its different roles in clauses classified, by grammatical tradition, as comparative. For this, in our analyses, we make use of the activity of manipulation and reformulation of utterances through the elaboration of epilinguistic glosses, supported by the Theory of Predicative and Enunciation Operations (TOPE) by Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) and his followers. We worked with the hypothesis that MORE THAN situates representations in relation to the particular situation of dialogue. We realized that the THAN marks the notion that operates as an abstract locator of a predicative content (predicative connection) while the MORE marks a differentiation from the notion that precedes it, in relation to a determined enunciative situation in time-space. In other words, it does not mark an identification as presupposed by Traditional Grammar.

Keywords: MORE THAN; Locator; Identification; Differentiation; Theory of Predicative and Enunciative Operations.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem gramatical tradicional caracteriza as unidades linguísticas MAIS DO QUE como elementos intensificadores dos adjetivos, a significação de um adjetivo pode receber intensidade

maior, ou menor. Em grande parte das gramáticas normativas o conceito mais usual, resumidamente, é que o comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo uma igualdade, uma superioridade e uma inferioridade, e que MAIS DO QUE marca essa categorização.

Com base nessa perspectiva, autores como Bechara (2009), Rocha Lima (2001) e Cunha & Cintra (2007) descrevem, de forma geral, que a formação do grau comparativo de superioridade se expressa antepondo-se o advérbio **mais** e pospondo-se a conjunção **que** ou **do que** ao adjetivo, essa é a “fórmula” para se definir um comparativo de superioridade. Vamos supor que dois seres, hipoteticamente chamados de X e Y, possuem a propriedade de “ser rápido”, logo podemos compará-los, seguindo a definição da Gramática Tradicional (GT), por haver ao fim uma identificação, pois ambos serão detentores da mesma propriedade “ser rápido”.

Assim, observamos que essa perspectiva teórica não busca abordar, de forma articulada, a linguagem e as línguas naturais, enquanto “processo da enunciação com mecanismos cognitivos, semânticos e sintáticos que discriminam certas formas para a expressão, e não outras” (DAHLET, 2016 apud ZAVAGLIA, 2016, p.17). É justamente nosso intuito abordar essa articulação entre linguagem e línguas naturais.

Ao recortarmos MAIS DO QUE como objeto de estudo, pretendemos explicitar, a partir de uma abordagem operatória, como as unidades da língua remetem a noções semânticas indeterminadas, ainda que relativamente estabilizadas na cultura,

mas que estão abertas a possibilidades de sentido que transcendem o que está estabilizado num dado momento para uma determinada cultura. Assim, propomos uma abordagem operatória para *MAIS DO QUE* que leve em consideração cada uso em toda a sua particularidade.

Nosso objetivo neste artigo é explicitar os desdobramentos de significação das unidades linguísticas *MAIS DO QUE* em seus diferentes papéis em enunciados classificadas, pela tradição gramatical, como orações comparativas. Vamos observar o percurso para se chegar ao valor semântico que esses termos estabilizam nos enunciados. Sabemos que a significação existe, porém, “o nosso posicionamento teórico procura saber como eles chegam a ser o que são”. (REZENDE, 2000, p. 17).

Posto isso, nossos questionamentos são: a) *MAIS DO QUE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? b) Quais os desdobramentos que as unidades linguísticas evidenciam? c) De que modo está fundamentado o funcionamento de *MAIS DO QUE*? Por meio desses primeiros questionamentos, buscamos compreender como esses marcadores se relacionam com outras unidades linguísticas para significar.

Seguindo os pressupostos da TOPE, trabalhamos com a hipótese de que *MAIS DO QUE* situa representações em relação à situação particular de diálogo. Assim, o *QUE* marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo

(relação predicativa) enquanto o *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço. Ou seja, não marcará uma identificação como pressupõe a GT.

Para os propósitos deste estudo, construímos glosas com intuito de apreendermos o funcionamento dessas formas linguísticas em relação no enunciado. Constituímos um *corpus* representativo de ocorrências das orações comparativas. Todos os enunciados foram extraídos da compilação de textos denominada *Corpus do Português*⁴. Esse banco de dados foi construído pelo professor Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015). O *Corpus do Português* contém cerca de um bilhão de palavras de dado. Desta maneira, extraímos dois (02) enunciados dessa plataforma.

No que se refere à organização deste artigo, além desta introdução e das considerações finais, apresentamos, na seção 2, uma discussão sobre a indeterminação da linguagem na TOPE que fundamenta nossa pesquisa; na seção 3, trouxemos como a tradição Lógico-Gramatical trata a comparação enquanto categoria de língua e, na seção 4, demonstramos nosso movimento de análise, bem como uma síntese conclusiva.

⁴ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

2 A INDETERMINAÇÃO DA LINGUAGEM NA TOPE

Para empreendermos este estudo, ancoramo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018). O programa teórico da TOPE sustenta-se na conceituação da linguística como ciência, cujo objetivo é apreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais. A linguagem, nessa perspectiva, passa a ser abordada como um trabalho, uma atividade de construção de representação, referenciação e regulação. E, línguas naturais, como os arranjos-léxico gramaticais que se configuram como formas interpretáveis em situações particulares de diálogo.

A linguagem, nessa perspectiva teórica, não pode ser concebida como sendo um espelho da realidade, uma vez que as unidades linguísticas não refletem as coisas em uma relação direta, “como construções enunciativas que são, não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pôde construir” (DEVOGÜE; FRANCKEL; PAILLARD. 2011, p. 11). Os sentidos atribuídos às unidades são o produto dos modos pelos quais as unidades são colocadas em interação. Ainda nesse sentido:

Pode-se evidenciar a ideia fundamental de que o sentido se constrói a partir de unidades que integram o todo (e a ele se integram) “efetuando” o enunciado. O sentido das formas não é definido

por aquilo a que elas remetem em um mundo (ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência: ela só se constitui na dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados (FRANCKEL, 2011, p.43)

Assumimos que tanto a linguagem como os sujeitos são indeterminados. Desse ponto de vista, a tese da indeterminação da linguagem poderia estar ligada ao caráter operatório das unidades, isto é, à possibilidade de se desdobrarem no tempo e no espaço assumindo diferentes papéis. Nosso olhar é voltado para a atividade de linguagem, especificamente, para os rastros deixados por ela na superfície dos enunciados.

É devido a essas características da atividade de linguagem que Culioli (1999a) propõe ir além das propriedades classificatórias, definindo a TOPE como a “Teoria dos Observáveis”, por se tratar de uma abordagem em que a observação é primordial para o linguista.

Os fatos empíricos observados pela TOPE são os enunciados, entendidos como formas materiais, constituídos por um conjunto de marcadores. É através desses marcadores que o linguista irá buscar sua estrutura de base, pois nessa abordagem teórica acredita-se que todos marcadores trazem consigo rastros de sua origem constitutiva. Assim,

O enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, ancorado em um *hic et nunc* qualquer, por um enunciador qualquer. Deve ser entendido como uma organização de formas, a partir das quais os mecanismos enunciativos, que o constituem como tal, podem ser analisados, no quadro de um sistema representacional formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é a marca. O termo operação se justifica pela hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído[...] (FRANCKEL, 2011, p. 44).

Os valores referenciais são construídos no e pelos enunciados, por intermédio de operações enunciativas denominadas, por Franckel (2011), como operações de referenciação. Para a TOPE, a enunciação não é vista simplesmente como o ato de um sujeito proferir o enunciado em uma situação de enunciação. Segundo Culioli (1999b, p. 44, *grifos do autor*), “enunciar é construir um *espaço, orientar, determinar*, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação”⁵. Em outras palavras, todo enunciado é localizado

5 No original: “Enoncre, c’est construire un *espace, orienter, déterminer, établir* um réseau de valeurs référentielles, bref, um système de repérage” (CULIOLI, 1999b, p. 44).

em relação a uma situação e a um tempo de enunciação, bem como a um sujeito enunciador.

Dessa forma, assumimos, baseados na TOPE, que o ponto de partida para a compreensão do funcionamento das unidades linguísticas MAIS DO QUE, em língua portuguesa (L.P), seja a enunciação enquanto processo pelo qual o enunciado se constrói. A base desse processo de construção de significação encontra-se sustentada por operações definidas por Culioli (1990, 1995, 1999a, 1999b, 2018) como operações predicativas e enunciativas.

Na próxima seção, trouxemos como a tradição Lógico-Gramatical trata a comparação enquanto categoria de língua.

3 CONCEITO LÓGICO-GRAMATICAL E REGRAS DE FORMAÇÃO: A COMPARAÇÃO

A perspectiva Lógico-Gramatical, pautada em classificações morfológicas, defende que, para expressar as variações de intensidade, o adjetivo apresenta-se em dois graus: comparativo e superlativo. Para evidenciar de forma mais clara esse posicionamento e discutir sobre o tema, podemos citar Bechara (2009), Rocha Lima (2001) e Cunha & Cintra (2007).

Nessas três obras, o conceito mais usual, resumidamente, é que o comparativo compara qualidade entre dois ou mais seres estabelecendo uma igualdade, uma superioridade e uma inferioridade. Destacamos um exemplo simples que se

encaixa na definição de comparação. Vamos supor que dois seres, hipoteticamente nomeados de Pedro e Paulo, possuem a propriedade de “ser inteligente”, logo podemos compará-los, seguindo a definição acima, da seguinte forma:

Pedro é mais inteligente do que Paulo;

Pedro é menos inteligente do que Paulo;

Pedro é tão inteligente quanto Paulo.

Note-se que em todos os casos os dois (Pedro e Paulo) possuem a propriedade de “ser inteligente” sendo alterado apenas pela intensidade da gradação comparativa, numa determinação quantitativa. Dizer que os dois (Pedro e Paulo) possuem a propriedade de “ser inteligente” é o mesmo que dizer que “os dois (Pedro e Paulo) têm a propriedade de “ser inteligente”. Do ponto de vista da Gramática Tradicional, presume-se que um dado ser tem uma dada qualidade, cabendo à língua expressar esse estado de coisas.

A Tradição Lógico-Gramatical trata esses enunciados a partir da ideia de um valor “já dado” para as formas no português. As quais são tomadas como estáveis, contanto que sejam elas, por exemplo, *X está mais adjetivo*, quer dizer, as formas seriam veículos do valor dado que antecede as práticas dos sujeitos enunciadoreis. O problema é que esse “já dado” está fundamentado por uma dada experiência com o empírico (extralinguístico) e não

por mecanismos formais da linguagem⁶. Daí resulta seu caráter informativo, também chamado de descritivo:

A Tradição Lógica descreve fatos que nos levam a pensar a linguagem como se ela fosse constituída de representações sempre estabilizadas na língua. Uma gramática, quando busca classificar, que é dizer quais sequências morfossintáticas de uma língua particular correspondem a quais valores “universais” previamente definido, não leva em consideração a existência de um processo dinâmico, mais flexível, ancorado na relação dos sujeitos com o empírico, que sustenta tais valores estáveis e outros tantos valores menos estáveis e perceptíveis. Pensar esses enunciados, e categorizá-los de antemão como enunciados comparativos é considerar que, de princípio, seriam sempre a expressão de um dado valor, em qualquer tempo e espaço e para qualquer sujeito que se considere.

Ressalte-se que o emprego do termo “orações comparativas” ou ainda “enunciados comparativos” deve-se ao fato de se estar lidando com termos assim classificados pela tradição de estudos gramaticais, e também por quereremos estabelecer uma relação de diálogo entre esta pesquisa e esses estudos gramaticais que fazem parte do dia a dia nas escolas.

Benveniste (1948) já chamava a atenção para o fato de algumas construções potencialmente comparativas não fazerem

6 Trata-se de mecanismos de representação, referenciação e regulação (CULIOLI, 1990, p. 177-213) que organizam a percepção do empírico (extralinguístico) através da diversidade das línguas.

uso dessas estruturas tradicionais da gramática. Percebemos que mesmo sem essas estruturas, que marcam a categoria, podemos identificar uma “comparação”. Vejamos os exemplos:

– Meu filho caçula não gosta de comer verduras, mas o mais velho come de tudo.

– Ora, eu não gosto de literatura brasileira, mas minha namorada ama todo tipo de literatura.

Esses exemplos fazem-nos refletir que existem outras possibilidades de construções que podem levar ao resultado de “comparação”. No entanto, entendemos por meio das nossas pesquisas e leituras que há sim estruturas potencialmente mais produtivas, é o caso de (mais... que; menos... que; e tão... como/ quanto) destacados pelas gramáticas tradicionais. No entanto, elas não são definitivas e absolutas. Vejamos os seguintes exemplos:

– Pedro é mais esforçado do que Paulo apenas quando quer ganhar um dinheiro do pai.

Observa-se que, nesse caso, a predicção “Pedro ser esforçado” enfraquece e a sequência morfossintática “X ser mais ___ do que Y” deixa de ser tão adequada à expressão do valor “comparação” que lhe antecede, enquanto valor dado, na medida

em que o determinismo segundo o qual o predicado “ser esforçado” sempre se aplica, em todo tempo e espaço, e para todo sujeito que se considere, ao argumento “Pedro”.

CULIOLI (1999b) também analisa um exemplo, classificado pela GT como comparação, cite-se “X é maior do que Y é”⁷. Culioli explica que

Y tem um grau de magnitude, cuja dizemos que apenas (a) existe, (b) que, seja o que for (não está especificado de outra forma), o grau de magnitude de X ultrapassa-o. Constatamos que a orientação de $X \leftarrow Y$ está dirigida para o atrator, e que $X \rightarrow Y$ está orientada para o Exterior. Em suma, qualquer que seja o grau de Y, não é o que X tem (está aquém dele). Y serve de referência (positiva), mas é X que é referido quando se diz que excede Y. Assim, a relação $\langle Y \text{ é } () \text{ grand} \rangle$ muda para $\langle Y \text{ não é } \textit{grand} \text{ (em relação a X)} \rangle$. O “ne” marca este salto de $\langle \textit{grand} \rangle$ para $\langle \textit{pas grand} \rangle$.⁸ (1999b, p. 73, tradução nossa)

7 No original “X est plus grand que ne l'est Y” (CULIOLI, 1999b, p. 73).

8 No original “Y possède un degré de grandeur, dont on dit seulement (a) qu'il existe, (b) que, quel qu'il soit (il n'est pas autrement spécifié), le degré de grandeur de X le surpasse. On constate que l'orientation XY est dirigée vers l'attracteur, et que XY est orienté vers l'extérieur. En résumé, quel que soit le degré de Y, il n'est pas celui que possède X (il est en-deçà). Y sert de repère (positif), mais c'est de X qu'on parle pour dire qu'il excède Y. Ainsi, la relation $\langle Y \text{ est } () \text{ grand} \rangle$ passe à $\langle Y \text{ n'est pas grand (par rapport à X)} \rangle$. Ne marque ce saut de $\langle \textit{grand} \rangle$ à $\langle \textit{pas grand} \rangle$ ” (CULIOLI, 1999b, p. 73).

Percebe-se, nas palavras de Culioli, que ao fim não houve uma identificação de “X” e “Y”, o “ne” marca a diferenciação de “Y”. Nesse exemplo, percebemos um dos principais pressupostos da teoria culioliana, a tese da indeterminação da linguagem, em que as unidades linguísticas são dotadas de um caráter operatório, podendo exercer diferentes papéis. Desse modo, nenhuma unidade linguística é dotada de significação fora do enunciado.

Em uma perspectiva operatória, que é a nossa, as relações entre os termos são construídas a partir de relações predicativas, a questão não é mais descrever as qualidades dos seres através de expressões de uma língua particular. A questão é observar como é que se atribui uma dada propriedade, um valor produto da experiência dos sujeitos com o empírico, a um dado termo, que é um objeto que, embora guarde relação com o empírico, estabiliza um valor que lhe é próprio.

Na TOPE entendemos estabilização como um processo cujo resultado é o enunciado, isso não quer dizer que o enunciado reflita estabilidade. Parte-se de uma instabilidade de princípio e se busca construir estabilidade. Conforme Vogüe (1995, p. 255), “tem-se de partida as noções instáveis, não instanciadas e não delimitadas, e trata-se de estabilizá-las, validando-as, instanciando-as e localizando-as”. Munidos dessas discussões, passemos, a seguir, para nossas análises.

9 “ on a au départ des notions instables, non instanciées et non délimitées, et il s'agit de les stabiliser en les validant et de les instancier en les localisant”. (VOGÜE, 1995, p. 255)

4 A CONSTRUÇÃO DA PREDICAÇÃO E DA SIGNIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE

Para a TOPE, uma relação predicativa se organiza a partir de um termo de partida que servirá de ponto de referência aos outros termos em relação no enunciado. Os primeiros resultados dessa operação serão dois efeitos semânticos, a saber: a localização e a identificação. A localização acontece quando escolhemos um termo de origem, que vai servir de localizador (centro atrator) para os outros termos da relação construída. A partir da localização obtém-se a identificação, pois é ela que vai ratificar a estabilidade do que é localizado. Em outras palavras:

A identificação decorre diretamente da localização. Ela é ao mesmo tempo uma triagem, e é também o que coloca e confirma a estabilidade do que é localizado. Localizar significa, de um lado, a necessidade de triar entre os objetos localizados ou localizáveis e, por outro lado, significa a própria possibilidade de poder fazer essa operação. Trata-se de uma atividade sobre referências que implica uma atividade de diferenciação (REZENDE, 2000, p.101-102).

Assim, assumindo-se os pressupostos da TOPE, desenvolveu-se a análise de MAIS DO QUE a partir de suas

ocorrências em um *corpus* de língua portuguesa extraído da plataforma online **corpus do português**¹⁰. A partir dessas ocorrências, procedeu-se a manipulação dos enunciados de partida que resultou na formulação de glosas epilinguísticas. Constanam do *corpus*:

Enunciado 1

De modo simplificado, dá para afirmar que Scott voltou para a Terra MAIS VELHO DO QUE seu irmão. Pelo menos com sintomas parecidos com os do envelhecimento: comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

Enunciado 2

Eu me sinto mais cearense do que paraense, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci.

Na sequência, trazemos a análise dos dois enunciados. Vejamos:

10 Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 03 de agos. de 2020.

4.1 Enunciado 1

De modo simplificado, dá para afirmar que Scott voltou para a Terra **mais velho do que** seu irmão. Pelo menos com sintomas parecidos com os do envelhecimento: comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

Nesse enunciado trabalharemos com as seguintes léxis:

λ_1 <alguém ser velho>

λ_2 <alguém chamar alguém velho>

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

1a) Suponhamos que um velho seja alguém que exhibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida. Construámos, assim, uma relação adequada entre língua e mundo/experiência com o empírico, em que o nome “velho” recobre uma dada realidade.

1b) Suponhamos que um sujeito não exhiba características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e

até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida. Seria inadequado recobrir essa realidade com o nome “velho”, porque um velho é alguém que exibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida.

1c) Suponhamos que um sujeito de quem se espera que não exiba características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida – exibe características tais como comprometimento cognitivo, perda de densidade óssea e até alterações cardiovasculares – como o espessamento da artéria carótida. Podemos dizer que estamos diante de uma ocorrência de um sujeito “velho”?

O *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma estabilidade fictícia. Transformando-se a ocorrência da noção /irmão ser velho/ em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Ou seja, será o termo que servirá de localizador para a determinação da ocorrência da noção /Scott ser velho/.

No momento da relação enunciativa, quando essa projeção (Scott velho) poderia ser validada, o termo *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto

a Scott uma diferenciação da noção tipo /alguém ser velho/. O sujeito vinha atribuindo a propriedade <ser velho> no tempo e no espaço, construindo /Scott velho/. No contexto encaixante de <Scott ser velho> houve uma orientação inicial no sentido de ratificar uma projeção de igualdade em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <irmão ser velho>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <Scott ser velho> no espaço enunciativo de <irmão ser velho> a implicação foi um não-Scott. Na retomada enunciativa houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação de “Scott” com “irmão mais velho”. Em outras palavras, “Scott é mais velho”, implica em um não-Scott.

Em resumo, MAIS DO QUE participa na construção da não existência de “alguém que não é verdadeiramente velho”. Essas formas acionam uma operação de qualificação que resulta na diferenciação qualitativa de Scott. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio.

4. 2 Enunciado 2

Eu me sinto mais cearense do que paraense, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci.

Nesse enunciado trabalharemos com a seguinte léxis:

λ_1 < alguém ser algo >

λ_2 < alguém sentir algo >

Com base nas léxis (1) e (2), elaboram-se as seguintes glosas:

2a) Suponhamos que um cearense é um sujeito que nasceu no Ceará. Constrói-se o interior do domínio de p.

2b) Suponhamos que um sujeito não nasceu no Ceará. Seria inadequado dizer que se trata de um sujeito “cearense”. Constrói-se o exterior de P.

2c) Suponhamos que existe um sujeito que não nasceu no Ceará, mas que é chamado de “cearense”. Constrói-se uma zona de fronteira de P.

O termo *QUE* marca uma imagem do enunciador sobre o coenunciador, produzindo uma estabilidade fictícia. Transformando-se a ocorrência da noção <alguém ser paraense> em localizador, que em um primeiro momento está estabilizado. Ou seja, será o termo que servirá de localizador abstrato para a determinação da ocorrência da noção <alguém ser cearense>.

No momento da relação enunciativa, quando essa projeção poderia ser validada, o termo *MAIS* reorienta o projeto de existência da representação inicial, isto é, marca junto a “cearense” uma diferenciação da noção tipo <alguém ser algo>. No contexto encaixante de <alguém ser cearense> houve uma orientação

inicial no sentido de ratificar uma identificação em relação ao predicado estabilizado provisoriamente <alguém ser paraense>.

Logo, na retomada enunciativa, quando localizamos <alguém ser cearense> no espaço enunciativo de <alguém ser paraense> a implicação foi um não-cearense. Na retomada enunciativa houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação de “alguém cearense” com “alguém paraense”. Em outras palavras, “alguém é mais cearense”, implica em um “não- alguém cearense”.

Em resumo, MAIS DO QUE participa na construção da não existência de “alguém cearense”. Esses termos acionam operações de quantificação e qualificação que resulta na diferenciação qualitativa de <alguém ser cearense>. No processo enunciativo não houve a identificação, mas sim uma reorientação para <alguém ser cearense>. Desse modo, estabiliza-se um valor no exterior do domínio, estabiliza-se “um alguém não cearense”.

Ainda nesse enunciado, “Eu me sinto mais cearense do que paraense, eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra que eu nasci”, chama-nos a atenção que a 2ª oração “eu já moro há mais tempo no Ceará do que na terra”; e 3ª oração “que eu nasci”, constroem uma “comparação”, em que ambas se amarram simultaneamente à modalidade temporal. Percebe-se, nesse caso, que a relação comparativa temporaliza a outra relação dentro de um mesmo domínio nocional.

Observamos que essa construção é demarcada por uma ancoragem temporal em que “já moro há mais tempo no Ceará”, num determinado instante presente, opõe-se a “terra que eu nasci”, logo, Pará, em um determinado momento anterior, passado. O “mais” expressa um qualitativo intensivo e o “já” expressa uma marca espaço-temporal definida. Essa ancoragem temporal só vem ratificar a diferenciação colocada na relação comparativa da 1ª oração, em que se estabiliza um valor no exterior do domínio nocional, estabiliza-se “um alguém não cearense”.

4.2 Síntese das análises

A partir das reflexões empreendidas nesta seção, identificamos dois parâmetros convocados pela forma linguística MAIS DO QUE:

1. A forma linguística MAIS DO QUE aciona relações de alteridade no enunciado.

Observamos na construção dos enunciados de nossa pesquisa uma organização recorrente: parte-se de um projeto de representação de existência que visa à existência da representação, ou seja, busca-se a estabilidade. Tanto o QUE como o MAIS possuem papel importante na construção da existência das ocorrências das noções analisadas, uma vez que o QUE projeta uma certa

estabilidade, embora mutável, operando como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa), enquanto o MAIS marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço. O MAIS reorienta esse projeto de existência inicial. Em outras palavras, o sujeito enunciador observa que o QUE marca uma possível projeção de existência de X, buscando estabilizar X em um dado tempo-espaço e *MAIS* marca a reversibilidade dessa orientação, ou seja, há uma reorientação no projeto de existência da ocorrência da noção, uma vez que o sujeito enunciador desloca X na direção de descaracterizar X, como sendo um não-X.

2. A forma linguística MAIS DO QUE aciona operações de quantificação e qualificação

As operações de quantificação têm como função trazer à existência uma ocorrência da noção, essa também está sujeita a determinações qualitativas ulteriores. Porém, como demonstramos por meio das nossas análises, o projeto de existência de representação pode encontrar forças maiores que dificultem e acabem por levar esse projeto a uma não-existência.

Nesse caso, observamos que os enunciados analisados com ocorrências de MAIS DO QUE, inicialmente nos leva a uma orientação de estabilidade da representação, no entanto, em um segundo momento, o termo MAIS marca a reversibilidade dessa

orientação, ou seja, inicialmente havia uma projeção de existência da ocorrência da noção, que posteriormente ocorreu uma reorientação no sentido da não existência.

Quanto à operação de qualificação, observamos que o termo *QUE*, inicialmente, marca uma identificação, na medida que retoma o projeto de existência da representação, e *MAIS* reorienta esse projeto inicial, marcando uma diferenciação com o valor inicial. *MAIS* marca uma instabilidade qualitativa das propriedades que garantiriam a existência de *X* como tal. O *MAIS* marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço. Houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação, culminando, ao fim, na diferenciação.

Finalizadas as análises e algumas conclusões sobre nosso objeto de estudo, na seção seguinte, encontram-se as considerações finais deste artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo propôs-se o estudo de enunciados com ocorrência de *MAIS DO QUE*, a fim de apreender os processos enunciativos de seus funcionamentos, com foco no papel da construção da significação e o valor semântico que elas estabilizam em um determinado contexto específico.

Ao recortarmos *MAIS DO QUE* como objeto de estudo, pretendíamos mostrar, a partir de uma abordagem operatória,

como as unidades da língua remetem a noções semânticas indeterminadas, ainda que relativamente estabilizadas na cultura, mas que estão abertas a possibilidades de sentido que transcendem o que está estabilizado num dado momento para uma determinada cultura.

Para isso, em nossas análises, nos valemos da atividade de manipulação e reformulação dos enunciados através da elaboração de glosas epilinguísticas, que nos permitem apreender o funcionamento dessas formas para a construção da predicação e, conseqüentemente, da significação.

Com base nos pressupostos da TOPE, assumimos que tanto a linguagem como os sujeitos são indeterminados. Desse ponto de vista, a tese da indeterminação da linguagem poderia estar ligada ao caráter operatório das unidades, isto é, à possibilidade de se desdobrarem no tempo e no espaço assumindo diferentes papéis. Nenhuma unidade linguística é dotada de significação fora do enunciado.

A abordagem culioliana aborda o dinamismo das operações predicativas e enunciativas que se tornam observáveis a partir de uma formalização metalinguística. Entendemos que simplesmente classificar em categorias as unidades linguísticas anulam a capacidade de representação dos sujeitos, que é particular. A TOPE preceitua que o ajustamento e a regulação encontram-se no centro da atividade da linguagem.

Assim, assumindo-se esses pressupostos, desenvolveu-se a análise a partir de suas ocorrências em um *corpus* de língua

portuguesa extraído do *Corpus do Português*. Analisamos dois enunciados com a presença de MAIS DO QUE. A partir dessas ocorrências, empregando-se uma metodologia de análise fornecida pela TOPE, procedeu-se a manipulação dos enunciados de partida que resultou na formulação de glosas epilinguística que nos possibilitaram observar o funcionamento de MAIS DO QUE. Essas glosas possibilitaram explicitar os possíveis sentidos construídos pela nossa experiência enquanto sujeitos e assim demonstrar a valor semântico que MAIS DO QUE “estabiliza” nos enunciados.

Inicialmente, partimos dos seguintes questionamentos: a) *MAIS DO QUE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? b) Quais os desdobramentos que as unidades linguísticas evidenciam? c) De que modo está fundamentado o funcionamento de *MAIS DO QUE*? Por meio desses primeiros questionamentos, buscamos compreender como esses marcadores se relacionam com outras unidades linguísticas para significar.

Assim, chegamos à hipótese que nas orações comparativas MAIS DO QUE situa representações em relação à situação particular de diálogo, ou seja, partimos da hipótese de que o QUE marca a noção que vai operar como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa) enquanto o MAIS marcará uma diferenciação da noção que o antecede, em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espaço.

Por meio das glosas, chegamos à conclusão que *MAIS DO QUE* participa na construção da não existência de algo ou alguém, que em uma situação inicial a orientação era, possivelmente, para a existência. O sujeito enunciador vinha atribuindo uma propriedade a alguém ou a algo no tempo e no espaço. Porém, em um determinado ponto do processo de predicação, houve um apagamento das variáveis de argumento que sustentavam a identificação. *MAIS DO QUE* aciona operações de quantificação e de qualificação que resultam na diferenciação de alguém ou algo. Em outras palavras, o sujeito enunciador observa que o *QUE* marca uma possível projeção de existência de X, buscando estabilizar X em um dado tempo-espaço e *MAIS* marca a reversibilidade dessa orientação. Desse modo, há uma reorientação no projeto de existência da ocorrência da noção, uma vez que o sujeito enunciador desloca X na direção de descaracterizar X, como sendo um não-X.

Conforme atestam as análises, inicialmente, havia uma projeção para valores em conformidade com a estabilização cultural, onde “alguém” ou “algo” seriam detentores da noção tipo, mas que na situação enunciativa houve uma reorientação do projeto de existência, o que antes se tinha uma identificação sem obstáculos, ao final houve uma diferenciação e um outro resultado. O resultado não foi o esperado pela orientação semântica inicial. Graças ao movimento da linguagem, o que se estabilizou é uma diferença de um espaço para o outro, não a identificação como a Lógica preceitua. Observou-se que *MAIS DO QUE* aciona três

parâmetros de variação na constituição do enunciado: relações de alteridade, operações de quantificação e qualificação.

Ficou claro, por meio das nossas análises, que o valor atribuído às unidades linguísticas não é estável, e nem tampouco se enquadra em um sistema classificatório de caráter morfosintático. Consideramos que a mais importante contribuição dessa pesquisa é demonstrar que as unidades linguísticas assumem valores diversos, e que uma noção, dependendo do contexto enunciativo no qual se inscreve, pode assumir diferentes propriedades, possibilitando novas categorizações.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Noms d'Agent et Noms d'Action en Indo-Européen**. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Tours et Détours. Paris: Lambert-Lucas, 2018. v. 4.

CUNHA & CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007

FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J-J. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J-J. **Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação**. In: VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação*: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais**. 2000, 456f. Tese (livre-docência em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

VOGÜE, Sarah de. **L'effet aoristique**. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. Langues et language: problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, p. 247-259.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciação**. 2ed, São Paulo: Humanitas, 2016.